

PESOS DE TEAR E TECELAGEM NO CALCOLÍTICO EM PORTUGAL

por

Mariana Diniz*

Resumo: Ao contrário da situação verificada em outros contextos associados a grupos produtores, as evidências directas ou indirectas sobre tecelagem, no actual território português, serão um fenómeno tardio, aparentemente associado à Revolução dos Produtos Secundários.

A temática a tratar divide-se em dois pontos:

1 — os níveis arqueológicos em que surgem pesos de tear, a sua distribuição espacial dentro da área dos povoados, as formas que apresentam;

2 — com base na(s) morfologia(s) encontradas, e entendendo estes artefactos como componentes de um mecanismo, procuram-se paralelos etnográficos que nos possam elucidar sobre o aspecto e o modo de funcionamento desses prováveis teares.

Propõe-se ainda o reconhecimento de diferentes tradições de tecelagem no Calcolítico em Portugal.

Palavras-chave: Pesos de tear. Tecelagem. Calcolítico.

“Nasceu uma rapariga, nasceu um tear”
Provérbio popular português

Apresentar a realidade artefactual associada a teares, no actual território português, durante o Calcolítico e discutir os principais problemas que se colocam á elaboração de uma ficha descritiva de pesos de tear, tendo em conta os paralelos etnográficos, são algumas das questões que se pretendem abordar.

Apontam-se, por vezes, situações exteriores a este limite cronológico-espacial quando parecem pertinentes, porque mais uma vez se constata que as fronteiras medievais dividem áreas que se comportaram de forma semelhante do ponto de vista cultural, durante longos períodos da Pré-História.

O panorama traçado não se pretende exaustivo, mas suficiente para definir para um tempo, um determinado aspecto da realidade material.

* Departamento de História da F.L.L. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O conhecimento de que se dispõe para as diferentes áreas, não é evidentemente o mesmo, quantitativa ou qualitativamente. Áreas intensamente prospectadas na primeira metade deste século, com publicações de resultados segundo os padrões do tempo e hoje um pouco esquecidas, como a península de Lisboa. O Alentejo e Algarve, alvos de trabalhos recentes que completam ou alteram ideias antigas. As Beiras e o Norte, com um número menor de informações, mas fundamentais para a compreensão do espaço, hoje, nacional.

A presença no registo arqueológico nacional de pesos de tear, designação que abaixo discutirei, pode entender-se como uma das consequências da Revolução dos Produtos Secundários, apresentada por Sherrat em 1980 (*in* Gonçalves, 1989).

A exploração das fibras animais e vegetais apresenta, a partir do Neolítico final, as primeiras evidências indirectas, materializadas em pequenos artefactos cerâmicos normalmente interpretados como pesos de tear, designação utilizada a partir dos anos 70, depois de uma série de outras nomenclaturas/funções que lhe foram sendo atribuídas.

Pequenos discos cerâmicos, com uma perfuração central, têm sido interpretados como cossoiros. A unidade formal que apresentam, em todo o território nacional, torna possível presumir pacificamente a sua função, pelo que aqui não serão tratados.

Parecem destinados a imprimir rotação ao fuso, aquando da criação do fio. São, assim, artefactos relacionados com a fição, processo que antecede a tecelagem.

Porque os teares foram construídos com materiais perecíveis, não encontramos vestígios da sua existência, pelo que as fontes iconográficas, ainda que muito posteriores dos teares calcolíticos, tornam-se imprescindíveis quando tentamos reconstituir aqueles aparelhos.

A pintura não pretende ser desenho técnico, fiel e rigoroso de um instrumento, no entanto algumas informações podemos retirar deste tipo de imagens, que encontramos representadas, sobretudo em vasos áticos do século V a. C. Penélope, Calipso e Tétis são algumas das mulheres que se imortalizam junto a um tear (Oliveira, Galhano, Pereira, 1976)¹.

São representados teares verticais, onde se tece de cima para baixo, estando a urdidura suspensa de uma travessa que constitui o topo do quadro do tear, existindo um liço e uma barra separadora. Estamos assim na presença de um

¹ Existem, no entanto, representações anteriores de teares. Por volta de 3500 a.C., num selo da Mesopotâmia, é representado um tear horizontal. Por volta de 1500 a. C., surge no Egipto um tear vertical, **sem** pesos, onde o fio se encontra esticado por pressão na travessa inferior. A inexistência de pesos nestes teares parece filiá-los numa tradição distinta daquela a que pertenceriam os teares calcolíticos, e posteriores, existentes no espaço peninsular (Oliveira, Galhano, Pereira, 1976).

verdadeiro tear e não apenas de uma simples teia montada num quadro². Cada fio encontra-se em tensão pela existência de um peso na sua extremidade inferior. A forma dos pesos não é muito clara, oscilando entre a circular e a triangular, parece, no entanto, certo que teriam apenas uma única perfuração.

Encontram-se, efectivamente, em sítios da Idade do Ferro pesos com forma de pirâmide truncada e com apenas uma perfuração. Se a realidade material exumada não se esgota nesta forma, há uma parcela onde representações iconográficas/artefactos concordam.

A partir daqui, recuam-se os teares de pesos para outros períodos. Objectos cerâmicos com duas ou quatro perfurações são interpretados como pesos de tear. A sua variedade formal será adiante analisada.

Ainda no século passado, outra interpretação é avançada para estes objectos, pelos irmãos Siret, em Almizaraque (Fernandez Gomez, Oliva Alonso, 1985). A associação destes artefactos a cinzas, leva-os a avançar a hipótese de que se tratariam da abóbada de fornos de fundição. Não se registaram escórias pelo que devem os irmãos Siret ter encontrado o forno onde os pesos seriam cozidos, tal como parece acontecer no povoado de El Malágon (Arribas, Molina, 1978).

Leite de Vasconcelos (1918), confrontado com estas peças cerâmicas em forma de crescente, com uma perfuração em cada extremidade, considera-as componentes de xorca.

O número elevado em que irão surgir um pouco por toda a parte, faz com que os arqueólogos abandonem interpretações não funcionais, que recaíam principalmente sobre os “crescentes”, designação com pouco significado pela realidade tão ampla que abarca.

As placas rectangulares ou quadrangulares com quatro ou duas perfurações foram pacificamente associadas a teares. Esta associação pode ser menos problemática que no caso dos “crescentes” por motivos que adiante analisaremos.

Finais de 60, década de 70, a expressão “pesos de tear” é aceite e vulgariza-se, sem uma verdadeira discussão prévia da sua funcionalidade. Passam estes artefactos a fazer parte da “cerâmica industrial”, nos artigos da especialidade.

Ao longo dos anos 80, sobretudo na sua segunda metade, vamos encontrar os pesos de tear, na maior parte dos casos, serenamente relegados para a entrada “Outros objectos” aquando da publicação de materiais dos sítios estudados.

Serão aqui empregues os termos; pesos de tear e “crescentes”, tentando caracterizar criticamente o conteúdo de cada expressão.

² A característica distintiva de um tear consiste em permitir que com um único gesto se cruzem todos os fios da urdidura. Para conseguir fazer passar o fio da trama num único movimento, é necessária uma vara de separação que afaste do plano do quadro todos os fios pares. Para obter nova passagem, no sentido inverso e com um só movimento unem-se os fios ímpares a um trancelim solto e perpendicular à urdidura (Oliveira, Galhano, Pereira, 1976).

Enunciar, as principais questões que a prática da tecelagem coloca, num dado período da Pré-História, implica a consideração de alguns pontos:

1 — Com os conhecimentos disponíveis sobre tecelagem arcaica que argumentos podemos encontrar para a resolução da questão “pesos de tear”? Que elementos há a considerar que afirmam ou não a plausibilidade desta função. Não é objectivo deste estudo uma alteração de nomenclatura, mas a análise dos problemas que ela coloca;

2 — Analisar a distribuição geográfica de determinados tipos de artefactos, tipos criados pela descrição empírica e não normalizada de formas. Que informações cronológicas e culturais podemos retirar desse quadro baseado em presenças/ausências. Constatar a existência de distintas tradições de tecelagem, no Calcolítico português;

3 — Quais os problemas que se colocam à construção de uma tipologia. Como hierarquizar os atributos, como distinguir o fundamental do acessório. Sugerir um critério de apresentação, onde se considerem as principais variáveis.

1. A EVIDÊNCIA ARTEFACTUAL

“Sorprende comprobar que desde el Neolítico, ni en yacimientos hispanos ni en otros contextos europeos, se han hallado pesas (...) en cantidad suficiente para pertenecer a hipotéticos telares, hecho advertido por algunos arqueólogos e expertos en tejidos arcaicos...” (Castro Curel, 1985: 230).

A inexistência de uma obra, pelo menos em língua portuguesa, dedicada exclusivamente a pesos e teares pré-históricos, pode justificar este aparente deserto artefactual que Castro Curel menciona, no entanto, a simples análise de publicações demonstra um outro panorama.

Em 1921, Vergílio Correia publicava em Espanha, os seus estudos na área de Pavia e mencionava para o “Castelo” “...suben a muchos cientos las chapas de barro horadadas...”. Afonso do Paço (1940) há-de impressionar-se com as placas de barro de Vila Nova de S. Pedro, não só porque estão decoradas, mas também pela sua quantidade. Ernani Barbosa (1956) recolhe “algumas dezenas” de placas de barro no Castro da Pedra do Ouro, Alenquer.

Recentemente outras associações numericamente consideráveis de pesos de tear de uma mesma forma, foram encontradas em Portugal.

No Cerro do Castelo de São Brás, Serpa, Rui Parreira (1983) aponta inclusivamente a existência de um possível tear, pela concentração de “várias dezenas de crescentes” numa área limitada. A mesma situação detectada em Santa Justa, Alto Algarve Oriental (Gonçalves, 1989), apresentada de forma mais com-

pleta; são avançados números exactos, e claramente afirmada a unidade formal das peças. “...813 fragmentos (de crescentes) provenientes de quadrados contíguos...” indicariam uma área de tear.

Nalguns povoados calcolíticos, da actual Andaluzia, verificamos um panorama semelhante. Em Valencina de la Concepcion, Sevilha (Fernandez Gomez, Oliva Alonso, 1985), os “crescentes”, única forma detectada, ainda que com variações internas, são interpretados pelos autores como peças de tear, cuja função exacta seria ainda desconhecida.

O povoado de El Malagón, Granada, apresenta uma realidade semelhante à de alguns povoados povoados alentejanos e algarvios. Parecem existir apenas “crescentes”, concentrados em duas áreas: onde terá sido o forno em que eram cozidos e no interior de uma cabana.

Penso poder colocar-se a hipótese, não avançada pelos autores, de se tratar de uma área de tear, tal como existia no povoado do Cerro do Castelo de Santa Justa.

Pareceria então questão pacífica afirmar a existência de teares nos povoados calcolíticos da Estremadura e do Sul de Portugal. Em sítios como a Pedra do Ouro, Alenquer, o elevado número destes artefactos garantia a sua funcionalidade. Existência duplamente assegurada quando em escavações de povoados preservados a sua associação espacial é evidente.

Podiam ter funcionado efectivamente teares nestes sítios, o número de peças, a semelhança formal destes artefactos, com o mesmo número de perfurações, garantiria a homogeneidade a estes conjuntos de natureza técnica.

A situação altera-se quando constatamos realidades inversas. Estações amplamente escavadas fornecem um número de pesos insignificante, no entanto, conhecemos resultados opostos vindos de prospecções, responsáveis, por vezes, por várias dezenas de pesos de tear.

Podemos supor então que na necessária existência de um número considerável de pesos de tear, número ainda não definido com exactidão, mas que alcance umas dezenas, a sua ocorrência em quantidades irrelevantes levanta alguns problemas.

Os pesos, e logo o possível tear, encontram-se preservados em área ainda não escavada, os pesos uma vez dispersos do seu lugar original perderam-se definitivamente, sendo os encontrados uma pálida amostra do quantitativo inicial, ou o número reduzido de pesos corresponde sensivelmente ao número inicial.

Nesta última hipótese, a questão da sua possível funcionalidade teria que ser entendida de uma outra forma.

Note-se o número reduzido de pesos de tear aparecidos em povoados ou abrigos como o Castelo de Aguiar e Pastoria (Jorge, 1986), o Penedo da Penha (Estevinha, Senna-Martinez, Valera, s.d.) e o Castro de Santiago (Valera, Este-

vinha, 1989), o Cunho e o Barrocal Alto (Sanches, 1992), onde não ultrapassam as duas, três unidades.

São artefactos não funcionais, sendo a tecelagem realizada noutras áreas e/ou por outros processos, os tecidos obtidos noutras partes, produtos integrados em redes de troca, ou são apenas, como mais provável será, “a parte que resta do todo”?

2. UNIDADE E DIVERSIDADE

Acerca das formas algumas simplificações apressadas foram feitas. A situação descrevia-se, aparentemente, numa linha. Na Estremadura, os pesos de tear quadrangulares, no Sul as placas e os “crescentes”. Se a realidade fosse linear, bastaria acrescentar, o resto do país segue a Estremadura, e encerrar-se-ia o assunto.

Existem, de facto, duas áreas materialmente distintas, mas que não se deixam assim resumir.

Começemos por nos deter sobre o que, objectivamente falando, porque se tratam de objectos, se encontra por detrás das designações “pesos de tear” e “crescentes”.

“Pesos de tear”, paralelepípedos ou cubos cujas faces maiores podem ser rectangulares ou quadrangulares. Com duas ou quatro perfurações. Larguras, espessuras, comprimentos variáveis, entre 2 e 6 cm, 0.9 e 3 cm, 5 e 12-13 cm, respectivamente. O comprimento é a medida mais difícil de obter porque a peça tende a fragmentar-se transversalmente.

Estão assim englobados sob a mesma nomenclatura peças de diferentes dimensões, com um número diferente de perfurações.

“Crescentes” é o termo empregue para rotular conjuntos não homogéneos. Apenas uma característica é partilhada *obrigatoriamente* por todos os elementos, as duas perfurações. Formalmente oscilam entre o crescente de secção circular, com diâmetros que podem variar entre 1 e 2cm, crescentes de secção rectangular ou subrectangular com espessuras que variam entre 1 e 2 cm. A largura e o comprimento, nestes últimos casos, podem variar substancialmente.

Variedade de formas e dimensões, do número de perfurações. Qual pode ser o verdadeiro significado da diversidade formal? Cronológico, espacial, tecnológico?

Uma característica é comum a todos os pesos de tear do Calcólítico português: a existência de perfurações múltiplas em número par, 2 ou 4.

Analisando a distribuição das formas, em Portugal, podemos definir duas áreas, onde, neste ponto concreto a realidade material evidencia diferenças signi-

ficativas.

Uma primeira área, o Norte, as Beiras e a Estremadura. Um segundo espaço, o Alentejo e o Algarve. O que distingue estes “dois mundos” é a ausência no primeiro de pesos de tear em forma de “crescente”.

Os contactos que, ao longo do Calcolítico, existiram entre a Estremadura e o Sul, não tornaram estas comunidades permeáveis às distintas tradições de tecelagem.

O Alentejo e Algarve integram-se, no âmbito das técnicas de tecelagem, no Sul Ibérico. A proximidade geográfica parece ser substituída por uma proximidade cultural.

O Sul peninsular apresenta-se, ao longo do Calcolítico, como um espaço em que se estabelecem profundas afinidades culturais. Área privilegiada de contactos, de trocas e bens e muito provavelmente de mulheres que tecem.

Parece evidente a semelhança entre os pesos de tear rectangulares ou quadrangulares de Pastoria, Penedo da Penha, Vila Nova de S. Pedro (Paço, 1940), Chibanes (Costa, 1906) Rotura, (Costa, 1903) e Castelo de Pavia.

Dentro desta família podemos incluir alguns “filhos bastardos”, placas do Cabeço da Mina e de Vale Pincel II (Silva, Soares, 1976-77)? Ou será preferível considerar estes pesos sobretudo rectangulares, pouco espessos, com duas perfurações apenas, na maior parte dos casos, como parte de outra tradição, de outra história ?

Seguindo C. Tavares da Silva e J. Soares (1976-77), no Sul as placas antecedem os “crescentes”. Teria, assim, existido um primeiro momento de unidade técnica a partir do qual se tomam caminhos distintos. O Norte, o Centro e a Estremadura a continuação. No Sul, a inovação.

Se considerarmos, no entanto, que as placas alentejanas pertencem a outro grupo cultural, como me parece provável, abandona-se a ideia de uma unidade técnica mesmo que momentânea para constatar desde um primeiro momento a diversidade cultural.

As características do grupo de Pavia, onde existem pesos de tear placa, não permitem colocar estes pesos em nenhuma outra família que a da Estremadura-Centro-Norte.

Teria existido um “corredor” no Alto Alentejo, Montemor-o-Novo, Pavia, que participando na família cultural estremenha, vai depois acompanhar o Sul. A proximidade física às penínsulas de Lisboa e Setúbal não parece ser a causa desta influência, uma vez que, outros povoados nas mesmas condições geográficas, como o Monte da Tumba, não a registam.

O “crescente”, a técnica de tecer em teares de pesos de duas perfurações é ideia que parece não ter ultrapassado a linha do Tejo, não atingindo sequer a Península de Setúbal.

Analisando as unidades espaciais que são os sítios, a situação não é sempre clara. Os pesos de tear quadrangulares de Vila Nova de S. Pedro apresentam uma unidade interna considerável. Existe, apesar de pequenas diferenças de dimensões, uma coerência, podemos imaginá-los como um conjunto, fazendo parte de um mecanismo. O mesmo se pode afirmar em relação aos pesos de Chibanes, aos pesos quadrangulares e rectangulares de Pavia, ou apesar do seu número reduzido, aos pesos do Abrigo do Penedo da Penha.

Nos povoados calcolíticos do Alentejo, uma explosão formal que se incongruente em cada sítio se repete, no entanto, nas diferentes estações.

Face aos conjuntos de pesos de tear, que estudei pessoalmente, da Mangancha nº1 e da Sala nº1, parte do espólio das campanhas que aí se efectuaram, respectivamente em 1986 e 1988, ambas sob a direcção de Victor S. Gonçalves, pude constatar que a simples observação dos pesos de tear da Mangancha demonstrava uma significativa heterogeneidade formal, no entanto se “baralhados” com os da Sala nº1, tornava-se impossível destrinçar a que sítio pertenciam sem recorrer à marcação das peças.

Situação semelhante à que encontramos em Famão e Aboboreira (Vila Viçosa) (Arnaud, 1971), no Monte da Tumba (Silva, Soares, 1987), no Cabeço da Mina (Torrão do Alentejo). “Crescentes”, placas com duas ou quatro perfurações, algumas de reduzidas dimensões.

Criar uma ordem para o inordenável, onde cada peso parece um tipo, sem possibilidades de funcionamento conjunto. Parecem ser estes, de momento, os tais contextos onde não “... se han hallado pesas uniformes en cantidad suficiente para pertenecer a hipoteticos telares...” (Castro Curel, 1985: 230).

3. FORMA E FUNÇÃO

“Si el peso de cada uno no fuera similar, se producirían distorsiones en los hilos transversales de la trama que con ello perderían su paralelismo”. (Castro Curel, 1985: 232).

Se os teares têm pesos é sua função manter o fio ou um conjunto de fios em tensão. No museu de Lejre, Dinamarca (Castro Curel, 1985), reproduziu-se um tear de pesos uniformes, troncocilíndricos com quinhentas gramas, unidos a um conjunto de fios.

O peso dos “pesos” pré-históricos não é, normalmente, apresentado, no entanto não atinge este valor. Se os pesos rectangulares ou quadrangulares com quatro perfurações podem alcançar pesos capazes de manter em tensão um conjunto de fios, muitos dos “crescentes” e das finas placas do Sul, mesmo quando

peças intactas, não terão ultrapassado as poucas gramas. Esta distinção que podemos verificar entre as formas e o peso dos pesos de tear poderá, de alguma forma, estar relacionada com as fibras animais e vegetais preferencialmente exploradas nas diferentes áreas?

É aqui inevitável a questão: terão de facto estes “crescentes” funcionado como pesos, ou o seu papel num tear era outro? Não se vislumbra imediatamente qual ele podia ser. Aproveita o seu comprimento para criar um afastamento entre os fios na parte inferior da trama? Não parece provável. No entanto as condições de jazida não deixam dúvida quanto ao funcionamento em conjunto, como partes de prováveis mecanismos.

Abandonando a questão peso ou a sua falta e debruçamo-nos agora sobre o número de perfurações, que não é constante.

Se aceitássemos a hipótese que Afonso do Paço, em 1940, avançou para as placas de Vila Nova de S. Pedro, de quatro perfurações, ao admitir que duas delas funcionaram como sobresselentes, teríamos apenas uma questão técnica a resolver. Como funcionaram os teares de pesos com duas perfurações.

Para confirmar esta hipótese, seria necessário um exame directo das peças, mas não podemos, no entanto, assumir que só as perfurações com sinais de desgaste, funcionaram efectivamente. O desgaste pode ter ocorrido apenas nas perfurações sujeitas a maior tensão.

Mantêm-se dois problemas: 4 perfurações, 2 perfurações.

Os exemplares decorados, que ocorrem essencialmente na Estremadura, podiam dar-nos algumas indicações sobre a sua posição face ao tear.

O facto de uma, mais raramente duas, das faces se apresentarem decoradas, não altera necessariamente a funcionalidade da peça, mas pode conferir-lhe um novo estatuto.

As peças de Vila Nova de S. Pedro apresentam motivos que variam entre representações solares, um ou outro zoomorfo e mais frequentemente geométricos. Linhas paralelas cruzadas por linhas perpendiculares. Numa possível alusão ao conjunto teia-trama?

Se a decoração não altera a função, pelo menos no caso destas peças, ela provavelmente existe para que possa ser vista³. Admito que a face decorada fosse observada por quem utilizasse o tear. O peso seria unido aos fios, paralelamente à travessa superior do tear. A medida que dita o afastamento entre pesos, e logo entre fios não é a espessura, medida menor, mas seria então a largura.

³ A decoração de qualquer objecto pode existir por si mesma, ou representar algum princípio simbólico, que hoje não podemos reconstituir. Neste caso a decoração dos pesos de tear poderia ter alguma funcionalidade ainda que não fosse observada pela tecelã. J. Leite de Vasconcelos refere, ainda nos inícios deste século, a existência de pesos de tear decorados para proteger a teia contra o mau-olhado, impossibilitando assim a sua destruição.

Os pesos apresentam por norma 6 cm de largura, logo cada 6 cm de teia teriam apenas um peso, onde se iriam unir dois conjuntos de fios às perfurações superiores. Possivelmente por algum esquema de passagens seriam as quatro perfurações utilizadas.

Os pesos de duas perfurações, sejam placas ou “crescentes”, ter-se-ão colocado na perpendicular face à travessa superior do tear, tendo então a espessura do peso um papel determinante. É possível então a existência de um número muito superior de pesos, o que anularia o pouco peso de cada um.

Se os pesos de tear decorados fossem assim colocados os motivos não seriam observáveis. Os sinais de desgaste nas perfurações afastam qualquer hipótese de se tratarem de peças “simbólicas”.

Os teares pré-históricos, como podemos ver, são-nos quase desconhecidos. Suspeita-se a forma, o funcionamento, os componentes.

O nome das peças, sem corresponder a tipos definidos, remete o leitor para este vasto e vago mundo.

4. CONSIDERAÇÕES TIPOLOGICAS

Os pesos de tear não estão ausentes da bibliografia arqueológica, a informação não é, no entanto, apresentada segundo normas fixas. Esboços de organização foram tentados por diversos autores, frágeis tipologias que não conhecem sucesso. A descrição do objecto é, na maior parte dos casos, tão vaga, que muitos “tipos” podiam aí encontrar o seu lugar.

Tratando-se de cerâmica manual, corre-se o risco de criar para cada peça um tipo. Tipos excessivamente amplos são igualmente inúteis. Existem, no entanto, diferenças que importa reconhecer e notificar. porque não parece útil a enunciação cega de propriedades.

É objectivo deste estudo não a construção de uma tipologia, mas distinguir diferenças. Hierarquizar atributos. Os “pesos de tear” são peças extraordinariamente mudas, como já não há muitas. A tarefa torna-se difícil porque a função é apenas presumida. Atributos em função de quê? Consideramos estes artefactos como pesos ou elementos de tear?

Considero que de uma ficha descritiva deviam fazer parte as seguintes informações:

1 — Origem dos pesos de tear. Depositados em museus, com indicação de proveniência, de recolhas de superfície/prospecções, de escavações arqueológicas, com contexto e coordenadas. Se vindos de escavação; os pesos encontravam-se dispersos ou em concentração espacial. Indicar o número de peças ou fragmentos. Quando associados indicar a forma ou formas que surgem no conjunto e a posição

relativa de cada elemento. Encontra-se um amontoado caótico, uma ordem ou os restos desta. Se estão em filas paralelas. Associação a possíveis estruturas que revelem o tear ou aquilo que o sustentava, “buracos de poste”, paredes. Detecta-se uma alteração formal de significado cronológico e expressa de forma quantitativamente aceitável.

Da análise do contexto para a análise da peça.

2 — A indicação do peso em exemplares intactos ou pouco fragmentados. O número de perfurações e o diâmetro destas. Apresentar o diâmetro, no caso de se tratar de “crescentes”, ou a espessura, largura, comprimento, para todos os outros exemplares. Descrever a forma geral. Com ou sem decoração.

Reunindo um número considerável de elementos descritos torna-se possível distinguir essencial e acessório. As aparências deixariam de iludir. Tipos, mesmo que criados empíricamente, mas que resultem do conhecimento da coisa.

Predominando as tipologias formais é se tentado a não aceitar que duas formas distintas sejam um tipo. Retoma-se a hierarquização de atributos. Qual é a chave da questão? Peso, número de perfurações, largura, espessura. Variáveis comuns a todas as peças de um mesmo tear ideal que não se imagina completamente.

A diversidade só espanta porque é amostra reduzida, o real quando completo oferecia conjuntos coerentes e homogêneos, com que alguém teceu, mesmo que formalmente as peças não fossem idênticas.

Serão teares diferentes, técnicas distintas que exigem realidades materiais conformes. A este facto, que pode ser inegável, junta-se o gosto de se fazer como se faz e não de outra maneira.

5. INTEGRAÇÃO CRONOLÓGICA

A construção de uma sequência tipológica de pesos de tear, com um correspondente significado cronológico, depende em grande parte da possibilidade de auferir para cada sítio escavado uma cronologia, pelos menos relativa, suficientemente segura.

A observação de situações limite, pode, no entanto permitir ultrapassar algumas incertezas cronológicas.

Para além do carácter espacial, da variedade formal, onde podemos identificar distintas tradições de tecelagem, contemporâneas, em determinadas áreas como o Sudoeste Ibérico deve-se ter registado, numa perspectiva diacrónica, uma

transformação das técnicas de tecer, ou pelo menos uma alteração/selecção dos artefactos empregues.

Assim, se em povoados, do Sul de Portugal, cujas fases de ocupação podem ser atribuídas ao Neolítico final, e ao Calcolítico encontramos a coexistência de pesos de tear placa e de “crescentes”, nos povoados de fundação calcolítica *ex novo* podemos encontrar apenas pesos de tear em forma de “crescentes”.

As placas de duas ou quatro perfurações estão ausentes no Cerro do Castelo de Santa Justa, no Castelo de S. Brás, em Monte Novo, no Cortadouro e em Alcalar (Silva, Soares, 1976-77).

Na Estremadura portuguesa, identificamos ao longo de todo o Calcolítico apenas um tipo único de pesos de tear, espessas placas, sobretudo quadrangulares, com quatro perfurações.

Estes podem incluir-se nos pesos de tear com algum peso real. Integrados possivelmente numa distinta tradição de tecer, que eficaz desde o seu início parece não ter sido sujeita a alterações.

Os pesos provenientes das Beiras e do Norte de Portugal, ainda que não sejam absolutamente idênticos aos da Estremadura, uma vez que tendem a ser sobretudo rectangulares e com as arestas bolcadas, penso que se podem integrar na mesma família técnica da Estremadura. O reduzido número em que normalmente surgem deriva certamente das condições de deposição dos próprios sítios.

Também, neste espaço, ainda que os dados sejam em número reduzido, parece ter-se mantido uma única técnica de tecelagem ao longo de todo o Calcolítico.

A História e a Etnografia demonstram-nos a real importância cultural que os tecidos e as cores assumem entre as comunidades humanas. Não só como bem de troca, mas essencialmente como factores de distinção social, como formas materiais de representar princípios simbólicos, como concretização de sentimentos.

Todo este rico mundo de informação está-nos, aparentemente, vedado. Reconhecer distintas técnicas de tecelagem pode elucidar-nos sobre áreas de troca preferencial de elementos humanos.

A exogamia, eventualmente praticada pelas comunidades calcolíticas, pode materializar-se na dispersão dos pesos de tear e das mulheres que os usam.

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J.M., (1971) “Os povoados de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa). Notícia Preliminar” *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, 199-222.
- ARRIBAS, A., MOLINA, F., (1971): *El Poblado de “los Castillejos” en las Penãs de los Gitanos (Montefrío) Granada. Campanã de Excavaciones de 1971. El Corte num.1* CPUG, Serie Monografica, 3, 115-137.

- ARRIBAS, A., MOLINA, F., (1978) "El Poblado de la Edad del Cobre de "El Malagón" (Cullar-Baza, Granada) Campanã de 1975" *CPUG*, 3, 67-116.
- BARBOSA, E., (1956) "O Castro da Pedra do Ouro (Alenquer)" *Arqueólogo Português*, série III, vol. 75-86.
- CAETANO, L., (1983) "A Tecelagem artesanal na freguesia de Almalaguez" Coimbra, *Cadernos de Geografia*, 2, 23-64.
- CARDOSO, J.L., (1989) *Liceia. Resultados das escavações efectuadas. 1983-1988*. C. M. Oeiras, 146 p.
- CASTRO CUREL, Z., (1985) "Pondera. Examen cualitativo, quantitativo, espacial y su relación con el telar con pesas" *Empúries*, 47, 230-253.
- CORREIA, V., (1921) *El Neolítico de Pavia (Alentejo - Portugal)*. Museo Nacional de Ciencias Naturales, Memoria num. 27, 113 p.
- COSTA, A.I.M., (1903) "Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal: Objectos prehistoricos encontrados no Castro da Rotura" *O Archeologo Português*, vol. VIII, 137-148.
- COSTA, A.I.M., (1906) "Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal: o castro de Chibanes" *O Archeologo Português*, vol. XI, 40-50.
- ESTEVINHA, I.M., SENNA-MARTINEZ, J.C., VALERA, A.C., (s.d.) "O complexo 1 do Penedo da Penha, Vale Medeiros (Canas de Senhorim): alguns resultados preliminares da campanha 1(1987) Sep. *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, 125-142
- FERNANDEZ GOMEZ, F., OLIVA ALONSO, D., (1985) "Excavaciones en el yacimiento calcolítico de Valencina de la Concepción (Sevilla) El Corte C ("la Parrera")" *Noticario Arqueologico Hispanico*, 25, 102-113.
- GONÇALVES, V.S., (1989) *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental - uma aproximação integrada*. C. A. H. estudos e memórias 2, 2 vols. 566, 333 p.
- JORGE, S.O., (1986) *Povoados da Pré-História Recente da região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar (III - inícios do II milénio a. C.) (Trás-os-Montes Ocidental)* vol. I - A, Porto, Instituto de Arqueologia da F.L.U.P.
- MORENO ORORATO, A., (1979) "Los Materiales Arqueológicos del poblado de los Castillijos y Cueva Alta (Montefrío) Granada. Procedentes de las excavaciones de 1946-1947" *CPUG*, 7, 235-266.
- OLIVEIRA, V., GALHANO., PEREIRA., (1976) *Tecnologia Tradicional Portuguesa: o Linho*. Etnologia 1.
- PAÇO, A., (1940) "Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro" *Congresso do Mundo Português*, 1 vol., 235-249.
- PAÇO, A., SERRÃO, E.C., VICENTE, E.P., (1956) "Estação Eneolítica da Parede (Cascais) Reconhecimento de 1955" *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol*, tomo VIII, 411-429.
- PAREIRA, R., (1983) "O Cerro dos Castelos de S. Brás (Serpa). Relatório Preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980" *O Arqueólogo Português*, s. IV, 1, 149-168
- SANCHES, M.J., (1992) *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Porto, GEAP, Monografias Arqueológicas 3, 170 p.
- SANGMEISTER, E., SCHUBART, H., (1981) *Zambujal*. Madrider Beltrage.
- SILVA, C.T., SOARES, J., (1976-77) "Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo-Alentejo" *Setúbal Arqueológica*, 2-3, 179-279.
- SILVA, C.T., SOARES, J., (1987) "O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba - I. Escavações arqueológicas de 1982-1986 (resultados preliminares)" *Setúbal Arqueológica*, VIII, 29-79.

- VALERA, A.C., ESTEVINHA, I.A., (1989) Castro de Santiago (Figueró da Granja) Fornos de Algodres - Contribuições para o estudo da Pré-História recente da bacia do médio e alto Mondego. *GAFAL*, 39 p.
- VASCONCELOS, J.L., (1918) "Passeios pelo Alentejo" *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 136.

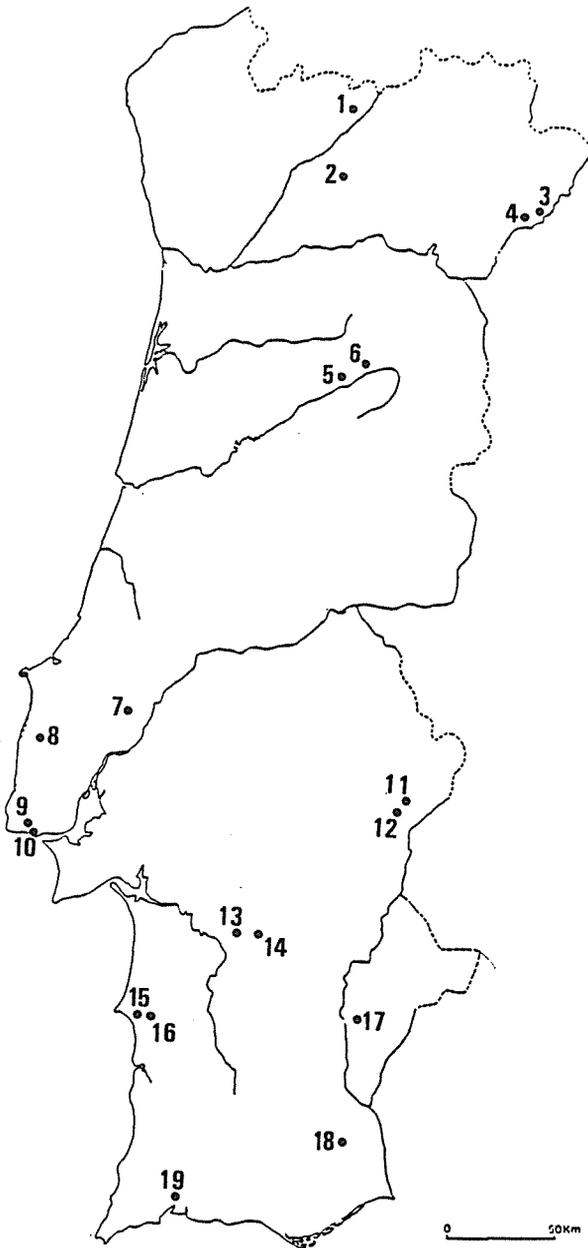
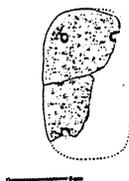


Fig. 1 — Sítios do Neolítico final e Calcólítico com pesos de tear: 1 — Pastoria; 2 — Castelo de Aguiar; 3 — Cunho; 4 — Barrocal Alto; 5 — Penedo da Penha; 6 — Castro de Santiago; 7 — Vila Nova de S. Pedro; 8 — Zambujal; 9 — Liceia; 10 — Parede; 11 — Aboboreira; 12 — Famão; 13 — Monte da Tumba; 14 — Cabeço da Mina; 15 — Vale Pincel II; 16 — Monte Novo; 17 — Castelo de S. Brás; 18 — Cerro do Castelo de Sta. Justa; 19 — Alcalar.

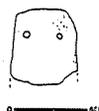
Est. II



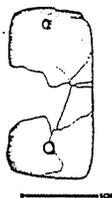
1 - Pastoria
(Jorge, 1986)



2 - Castelo de Aguiar
(Jorge, 1986)



3 - Cunho
(Sanches, 1992)



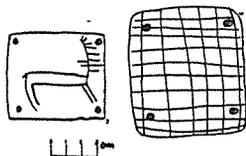
4 - Barrocal Alto
(Sanches, 1992)



5 - Penedo da Penha
(Estevinha *et al.*, s.d.)



6 - Castro de Santiago
(Valera *et al.*, 1989)



7 - V.N. S. Pedro
(Paço, 1940)



8 - Zambujal
(Sangmeister *et al.*, 1983)

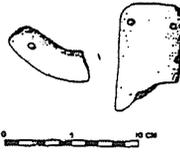


9 - Liceia
(Cardoso, 1989)

Fig. 2 — Pesos de tear do Neolítico final e Calcolítico em Portugal (I).



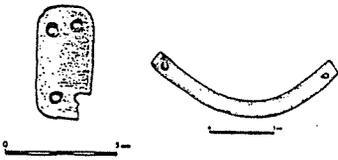
10 - Parede
(Paço *et al.*, 1956)



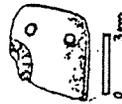
11 - Aboboreira
(Arnaud, 1971)



12 - Famão
(Arnaud, 1971)



13 - Monte da Tumba
(Silva *et al.*, 1987)



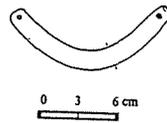
14 - Cabeço da Mina
(Silva *et al.*, 1976-77)



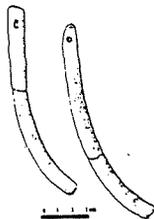
15 - Vale Pinçel II
(Silva *et al.*, 1976-77)



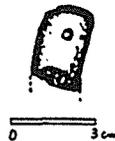
16 - Monte Novo
(Silva *et al.*, 1976-77)



17 - Castelo de S. Brás
(Parreira, 1983)



18 - Castelo de St.^a Justa
(Gonçalves, 1989)



19 - Alcalar
(Silva *et al.*, 1976-77)

Fig. 3 — Pesos de tear do Neolítico final e Calcolítico em Portugal (II).